

ÁREA: EDUCAÇÃO EM INFECTOLOGIA

EP-111

CONHECIMENTO, ATITUDES E PRÁTICAS SOBRE A TUBERCULOSE DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE

João Guilherme Araujo Matarazo,
Bruno Kenji Kito, Fernando N.G. Boni,
Davi G.S. Merighi, André S.B. Lordelo,
Aline Fernandes Silva, Priscila Paulin,
Eliaana Peresi-Lordelo

*Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE),
Presidente Prudente, SP, Brasil*

Introdução: A tuberculose (TB) é uma doença que atinge um quarto da população mundial e, os profissionais da área da saúde são considerados como uma população de risco para a doença. Desta forma, verificar as informações de estudantes universitários da área da saúde sobre a TB poderia colaborar com ações para a sua prevenção.

Objetivo: Avaliar o conhecimento, atitudes e práticas sobre a TB de estudantes de biomedicina de uma universidade do interior paulista.

Método: Foram entrevistados 140 estudantes do curso de biomedicina de uma universidade do interior paulista, através de um questionário semiestruturado, composto por questões fechadas e organizado em quatro blocos relacionados à TB: Conhecimento; Atitudes e comportamentos; Atitudes e estigma; Consciência e informação. Foi realizada uma análise descritiva e de frequência dos resultados. O trabalho foi aprovado pelo CEP (13359019.3.0000.5515).

Resultados: 42,88% consideram a TB como grave e 53,57% muito grave. Sintomas indicados: 72,14% falta de ar, 60,71% cansaço, 60% tosse com sangue, 57,14% tosse seca, 55,71% dor no peito, 55,71% tosse mais de duas semanas e 55,71% febre. 96,42% indicaram que “se pega” através do ar e 97,88% que qualquer pessoa poderia “pegar”. Como prevenção, 89,28% indicaram cobrir a boca e o nariz quando espirrar ou tossir. 7,14% indicaram não haver cura e 20,71% que não sabiam. Com relação ao tratamento, 2,88% não sabiam, 5,73% erraram e 33,71% não sabiam o seu valor. Com relação às atitudes e práticas, 67,86% indicam medo se tivesse TB, 35,71% desespero e 32,14% surpresa. 75,71% indicaram que procuraria ajuda no momento que os sinais e sintomas relacionados à tuberculose estivessem presentes. Com relação às atitudes e estigmas, somente 17,14% conheciam alguém com TB. 64,28% seriam solidários e desejariam ajudar o paciente; 18,57% solidário, mas prefere ficar longe dessas pessoas; 16,43% teriam medo, pois poderiam se infectar. Quando questionados como um paciente seria considerado por outros, indicaram que: 42,14% das pessoas na maior parte ajudam e 40,71% das pessoas são amigáveis, mas geralmente tentam evitá-lo. 92,86% consideram o HIV como fator de risco. 75% não se sentem bem-informados, apesar de 77,85% dos participantes terem recebido informações sobre TB.

Conclusão: Nossos resultados demonstraram de forma geral que os estudantes apresentam bom conhecimento sobre diversos aspectos da tuberculose, entretanto, ainda existem

pontos falhos, indicando a necessidade de estratégias para melhor divulgar as informações sobre a doença.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102543>

EP-112

TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA PESSOAS VIVENDO COM HIV

Gilselena Kerbauy, Ana Carolina Souza Lima,
Blenda Gonçalves Cabral,
Giovana Ciquinato Santos,
Jaqueline Dario Capobianco,
Flávia Meneguetti Pieri

*Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina,
PR, Brasil*

Introdução: A tecnologia educacional “Material Educativo sobre HIV” desenvolvida e patenteada pela Universidade Estadual de Londrina (INPI - BR 10 2020 003765 0), foi elaborada no transcorrer dos anos de 2018 e 2019, norteada por referências nacionais e internacionais na temática de HIV/Aids.

Objetivo: O objetivo da elaboração da referida tecnologia educacional foi apoiar as atividades práticas e extensionistas dos estudantes e residentes do curso de enfermagem e medicina, durante atendimentos e ações de educação em saúde realizadas nos ambulatórios de HIV/Aids do município de Londrina-PR.

Método: Trata-se de um conjunto de peças confeccionadas em material plástico que representam a corrente sanguínea, os vírus HIV (sensíveis e resistentes ao tratamento), as células de linfócitos TCD4+, os comprimidos de antirretrovirais similares aos usados no tratamento de Pessoas Vivendo com HIV e peça em círculo vazado que ilustram a ação dos antirretrovirais. As peças são utilizadas para orientação expositiva ou interativa, usadas de forma dinâmica, onde profissional de saúde e usuário manipulam as peças, tornando mais significativo o processo de educação em saúde.

Resultados: Esta tecnologia foi validada com profissionais especialistas e com público-alvo (Pessoas vivendo com HIV), e vem sendo empregada nos atendimentos dos Serviços de Assistência Especializada em HIV/Aids (SAE) do município de Londrina-PR para promoção da educação em saúde entre pessoas que vivem com HIV. O processo educativo transmite a este público informações sobre o processo da infecção, o desenvolvimento da Aids, a ação dos antirretrovirais, o alcance da carga viral indetectável pelo uso contínuo da medicação e os riscos do desenvolvimento de resistência viral pela não adesão ao tratamento. Os profissionais de saúde, especialistas no âmbito do HIV/Aids, indicaram que a tecnologia favorece o processo de educação em saúde pelo uso de peças cujo manuseio possibilita uma abordagem interativa, didática, dialógica e humanizada. O público-alvo pontuou em seus comentários que o material é esclarecedor, didático e educativo.

Conclusão: Ferramentas que apoiam o processo de educação em saúde para pessoas vivendo com HIV, como o

“Material Educativo sobre HIV”, favorecem o vínculo do paciente com o serviço de saúde, promovem o autocuidado, a adesão medicamentosa e consequentemente a qualidade de vida, contemplando os objetivos da cascata do cuidado integral às pessoas que vivem com HIV.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102544>

EP-113

USO DA METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM BASEADA EM EQUIPE PARA AS MEDIDAS DE PREVENÇÃO CONTRA INFECÇÕES NOS PROCEDIMENTOS OFTALMOLÓGICOS INVASIVOS EM UM AMBULATÓRIO DE ESPECIALIDADES

Adrielle Gislaine S. Nhoncanse, Aline Galdino, Rafael de Melo Gomes, Jairo de Melo Peigo, Richard Rodrigues Nunes, Renato de Lima Vieira, Walter Schilis, Andrea Batista Oliveira, Jessica Muniz, Maria Claudia Stockler Almeida

AME - Dr. Geraldo Paulo Bourroul, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: No Brasil, a taxa de infecção nos procedimentos oftalmológicos invasivos é de 0,29%.¹ Apesar de ser uma taxa baixa, muitas vezes a infecção relaciona-se com elevada morbidade: amaurose, dessa forma é importante que os treinamentos para revisar as medidas de prevenção contra infecções sejam realizados com métodos de ensino que estimulam pensamento crítico das equipes, a metodologia ativa Team Based Learning (TBL) ou Aprendizagem Baseada em Equipes é uma boa opção, pois utiliza estratégia de ensino focada na colaboração e autonomia dos envolvidos.²

Objetivo: Descrever a aplicação da metodologia TBL para realização de treinamento sobre as medidas de prevenção de infecção nos procedimentos oftalmológicos invasivos em um ambulatório de especialidades.

Método: Estudo descritivo do uso da metodologia TBL para sensibilizar a equipe que participa no processamento de materiais e no perioperatório. Ocorreu por meio de etapas: 1) Estudo individual sobre o manual da ANVISA; 2) Levantamento pelas equipes dos pontos de prevenção de infecção em seus setores; 3) Avaliação em equipe dos processos com ênfase nas falhas encontradas; 4) Direcionamento pelo Serviço de controle de infecção ambulatorial (SCIA) para os principais problemas evidenciados.

Resultados: As propostas de melhorias implementadas pelas equipes em conjunto com o SCIA foram: 1) Processamento do material: troca da escova de limpeza do material por escova não abrasiva; suspensão do uso de álcool a 70% pós enxágue do detergente; substituição de cânulas de hidrodissecção processáveis por cânulas de uso único. 2) Medidas perioperatórias: reforçado processo de antibiótico-profilaxia, uso correto de EPI's, limpeza concorrente com ênfase em todos equipamentos, manter portas das salas fechadas, higiene externa dos frascos de colírios antes e após

o uso; instituído instrumento de coleta de dados referentes a eventos adversos encontrados pelo médico assistente a ser direcionado ao SCIA.

Conclusão: Com a metodologia TBL foi possível introduzir “accountability” em cada agente dos processos de prevenção ao implementar melhorias. Os participantes do treinamento evidenciaram as falhas no processo e se sentiram responsáveis para incorporar as medidas de prevenção de infecção necessárias no processo.

Referências:

1. ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Medidas de Prevenção de Endoftalmite e de Síndrome Tóxica do Segmento Anterior relacionadas a Procedimentos Oftalmológicos Invasivos. 2017
2. Moran J. Mudando a Educação com Metodologias Ativas. 2015.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102545>

ÁREA: COVID-19

EP-115

AVALIAÇÃO DO IMPACTO DA COVID-19 NO NÚMERO DE TESTES REALIZADOS PARA DIAGNÓSTICO DE SÍFILIS E PORCENTAGEM DE EXAMES POSITIVOS

Gabriel Junqueira de Moraes, Fábio Escalera, Bruna Pousada, André Mario Doi, Vivian Iida Avelino-Silva

Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein (FICSAE), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A identificação laboratorial oportuna é uma etapa essencial para o diagnóstico e tratamento precoces, e para interromper cadeias de transmissão de infecções sexualmente transmissíveis (IST). Alterações no padrão de mobilidade humana e realocações de recursos diagnósticos e terapêuticos em decorrência pandemia da COVID-19 vêm afetando diversos aspectos do cuidado a outras doenças, tais como as sífilis. A redução de testagens pode associar-se a testagem direcionada a indivíduos com maior risco de infecção, resultando em aumento da porcentagem de exames positivos.

Objetivo: Descrever o efeito da pandemia da COVID-19 sobre o número de testes solicitados para sífilis, e sobre a porcentagem de testes positivos. Correlacionar o número de testes solicitados e porcentagem de positivos em cada quinzena no período de janeiro de 2019 a outubro de 2021 com mensurações da mobilidade populacional utilizando a ferramenta Google Mobility.

Método: Nesse estudo de série temporal, extraímos do banco de dados do laboratório do Hospital Albert Einstein dados sobre a frequência quinzenal de testes diagnósticos para sífilis (quimiluminescência), bem como seus resultados, descrevendo as porcentagens de testes positivos, no período